

APRESENTAÇÃO

Este dossiê problematiza a relação que se projeta na tradução literária através daquilo que vem sendo denominado como “o outro” (Seligmann-Silva, 2022). O dossiê apresenta como premissa a ideia de que o debate da intraduzibilidade (Cassin, 2022, Campos, 2013) vem apontando para novas perspectivas para a Teoria Literária e para os Estudos da Tradução no Brasil.

Para Cassin, a intraduzibilidade aponta para o critério da diferença de cultura, de visão de mundo, de língua, jamais para a impossibilidade tradutória. A tradução seria justamente o mecanismo de um *savoir-faire* com as diferenças, configurando-se, portanto, como um ato político. Em outras palavras, pode-se compreender o desnível entre a linguagem do narrador culto e a linguagem do homem pobre e regional como a revelação de um projeto literário com questões linguísticas e políticas que motivam as escolhas lexicais, semânticas e sintáticas de autores brasileiros, em um processo de tradução intralingual.

À luz dessa compreensão, os artigos que compõem este dossiê discutem a tradução literária em diferentes países a partir de um viés interdisciplinar: Estudos da Tradução, Linguística e Literatura Brasileira. Eles se debruçam sobre as estratégias linguísticas para a representação do Outro, considerando as particularidades geográficas e de classe social para finalmente compreendermos a tradução literária como uma ponte para o entendimento das relações traçadas entre diferentes línguas pelo autor e pelo narrador na constituição da personagem.

O número abre com a entrevista a Ana María Shua, realizada por Luis Carlos Ramos Nogueira e traduzida por Alba Escalante. Ao longo de dez perguntas o leitor pode conhecer mais a fundo a renomada escritora Ana María Shua, a partir de questionamentos feitos por um especialista em sua obra.

Em “A tarefa infinita do tradutor de poesia: intraduzibilidade, alteridade e autoria”, Thiago Ponce de Moraes realiza um estudo metateórico e reflete sobre conceitos fundamentais nos Estudos da Tradução, como a ideia de intraduzibilidade e alteridade, por meio de um diálogo com referências clássicas como Walter Benjamin e Barbara Cassin.

Em “Entre dois deuses selvagens: um estudo comparativo das traduções para o espanhol e o português de *The savage God*”, Carolina Fernanda Gartner Restrepo compara as traduções realizadas a duas línguas próximas, centrando-se em aspectos linguísticos e estilísticos desses trabalhos.

Em “Médicos, boticários e a intraduzibilidade da sátira: Quevedo nos *Sueños y discursos*”, Andrea Cesco e Luzia Antonelli Pivetta discorrem sobre a representação da

medicina na obra de um dos autores clássicos da literatura espanhola e a transposição desse universo para outra língua e cultura.

Em “Recordar o vazio: Quipus como saberes performados por Cecilia Vicuña, esta estranha tradutora”, Marina Baltazar e Natália Rezende discutem a obra de Cecilia Vicuña em relação aos quipus andinos, a partir da ideia de política de tradução e reinvenção cultural.

Em “Traduzir Ana María Shua”, Luis Carlos Ramos Nogueira transita entre o texto científico, o ensaio e o relato de experiência para analisar o processo de tradução de uma das autoras argentinas mais relevantes no cenário contemporâneo.

Amalia Cardona Leites, em “Desafios e implicações da tradução literária no folhetim *El hombre artificial*, de Horacio Quiroga, analisa a transposição do texto do escritor uruguaio para o inglês, discutindo questões ideológicas e conceituais, como a ideia de estrangeirização e domesticação, conceitos clássicos de Lawrence Venuti.

Em “Tradução comentada do poema sinalizado para poesia concreta em português: ‘Folclore surdo: a árvore (Paul Scott)’ de Fernanda Machado”, Helano da Silva Santana Mendes e Neiva de Aquino Albres transitam entre línguas de sinais para pensar em conceitos como o de transcrição, de Haroldo de Campos.

Ivan Pereira de Souza, em “Léxico regional e o intraduzível na tradução para o espanhol de *Chove nos campos de cachoeira*, de Dalcídio Jurandir”, apresenta os resultados de um projeto de pesquisa na área de tradução, cujo foco está na análise da transposição do léxico e das particularidades regionalistas da cultura amazônica.

Ana Karla Canarinos, em “José Lins do Rêgo e o romance de formação”, propõe uma análise do romance *Menino de engenho* para refletir sobre o processo de tradução intralingual no regionalismo brasileiro.

Boa leitura!

Maria Alice Antunes (UFPB)

Wagner Monteiro (UERJ)

Fabio Regattin (Università degli Studi di Udine)